

SÉRIE DESCOBRIMENTOS, 8

1ª edição integral: Recife: Univ. do Recife, Imprensa Universitária, 1962.

2ª edição integral: Recife: Imprensa Universitária, 1966.

Não encontrando este livro nas livrarias, favor dirigir-se à Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, Rua Dois Irmãos, 15 Apipucos - Recife - Pernambuco - Brasil - CEP 52071-440 - Fone: (081)4415900 ramais 241, 242 e245 Telefax: (081) 4415458 <http://www.fundaj.gov.br> e-mail: [ema@fundaj.gov.br](mailto:ema@fundaj.gov.br)

Foi feito o depósito legal

Brandão, Ambrósio Fernandes, ca. 1560-ca. 1630.

Diálogos das Grandezas do Brasil / Ambrósio Fernandes Brandão : organização e introdução de José Antônio Gonsalves de Mello; prefácio de Leonardo Dantas Silva. - 3. ed. integral segundo apógrafo de Leiden. - Recife : FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.

LIII, 242 p. : (Descobrimientos ; n. 8)

Inclui bibliografia

ISBN 85-7019-301-7

1. PERNAMBUCO - HISTÓRIA - SÉC. XVII

2. BRASIL - HISTÓRIA - COLÔNIA, 1500 -1618

I. Título. II. Mello, José Antônio Gonsalves de.

III. Série

CDU 981.34 "16/17"

Ambrósio Fernandes Brandão

Daniel  
Scópias (4E)

# Diálogos das Grandezas do BRASIL

Organização e Introdução  
José Antônio Gonsalves de Mello

Prefácio de  
Leonardo Dantas Silva

3ª edição integral  
segundo apógrafo de Leiden

Recife  
Fundação Joaquim Nabuco  
Editora Massangana  
1997



como vos não embarcais para o Reino a dar esse alvitre a Sua Majestade, pois tanta utilidade se deve de seguir dele para todo o Estado da Índia.

BRANDÔNIO

Já o pratiquei com um ministro que tinha grande lugar em sua fazenda, e com lhe parecer a traça maravilhosa, me respondeu que estava já tão introduzido em Portugal o modo de navegação da pimenta, que custaria muito trabalho o querer-se tratar agora de remover outro modo; e assim como entendi ser aquilo mal velho no nosso Portugal que não leva remédio, desisti da minha prática, e da mesma maneira o farei agora, deixando a cargo aos que lhes toca remediar semelhante necessidade, se o quiserem fazer.

ALVIANO

Dizeis bem, que é erro querer emendar o mundo os que têm tão pequena parte nele, como cada um de nós, e assim tornemos à nossa prática, que, se me não alembra mal, deve ser sobre o haverdes de mostrar as riquezas do Brasil, de que a principal tendes afirmado ser a lavoura dos açúcares.

BRANDÔNIO

Assim passa, porque o açúcar é a principal cousa com que todo este Brasil se enobrece e faz rico, e na lavra dele se tem guardado até o presente esta ordem: os Capitães-mores, que são sesmeiros por Sua Majestade, cada um na Capitania de sua jurisdição, repartiram e repartem ainda agora as terras com os moradores, dando a cada um deles aquela quantidade a que as suas forças e possibilidades são bastantes a granjear; e as pessoas a quem se dão semelhantes terras, quando elas são capazes para se fabricarem nelas engenhos de fazer açúcares, os fabricam, tendo cabedal para o poderem fazer, e quando lhes falta as vendem a pessoas que os possam fabricar, por ser necessário muitas forças e cabedal para os haverem de pôr em perfeição, porque um engenho dos de água, como até agora se

costumava de fazer, e ainda dos que chamam trapiches, que moem com bois, fazem de despesa, feito e fabricado, ao redor de dez mil cruzados, pouco mais ou menos.

ALVIANO

Parece-me que quereis dizer que há mais modos de engenhos de fazer açúcares, que os de água e trapiches, que moem com bois?

BRANDÔNIO

Isso quero dizer; porque os de água se alevantam ao longo de rios caudalosos, e ainda fazem grandes tanques para represa dela, para assim poderem moer com mais força d'água, e nestes tais engenhos, depois de a cana de açúcar moída entre dois grandes eixos que fazem mover uma roda, em que fere a água com força, se espreme o bagaço que dali sai debaixo de uns grandes paus, a que chamam gangorras, que fazem apertar com força de bois, aonde larga e lança de si o tal bagaço todo o sumo que a cana tinha, o qual se ajunta em um tanque, e dali o lançam em grandes caldeiras de cobre, aonde se alimpa, coze e apura à força de fogo que por debaixo lhe dão em umas fornalhas, sobre que estão assentadas, sendo necessário para este açúcar se alimpar e fortificar melhor, lançar-lhe dentro decoada, que se faz de cinza.

E outros engenhos se fazem sem água, e estes são os trapiches que disse, os quais moem a cana por uma invenção de rodas que alevantam para o efeito, tirada de bois, e no mais de fazer o açúcar se guarda a mesma ordem que tenho dito. Mas agora novamente se há introduzido uma nova invenção de moenda, a que chamam *palitos*, para a qual convém menos fábrica, e também se ajudam para moenda deles de água e de bois; e tem-se esta invenção por tão boa que tenho para mim que se extinguirão e acabarão de todo os engenhos antigos, e somente se servirão desta nova traça.

ALVIANO

Toda a cousa que se faz com menos trabalho e despesa

se deve de estimar muito, e pois nesse modo dos *palitos* se alcança isto, não duvido que todos pretendam usar deles; mas folgarei de saber a ordem que há para se fazer um pão de açúcar tão alvo e formoso como se leva a Portugal e aqui o vemos.

BRANDÔNIO

A ordem é esta: depois do açúcar limpo e melado nas caldeiras, se passa a umas tachas também de cobre, aonde à força de fogo o fazem pôr no ponto necessário para haver de coalhar e criar corpo, e dali se lança em umas formas de barro dentro nas quais se incorpora e endurece, e depois de estar frio o levam a uma casa muito grande, que só para esse efeito se prepara, a que dão o nome de casa de purgar, e nela, sobre taboado que está furado, se assentam as tais formas, com lhes abrirem um buraco que têm por baixo, por onde vão purgando o mel sobre correntes do mesmo taboado, que para o efeito lhes põem por baixo; e o mel que por essa maneira vai caindo das formas se ajunta todo em um tanque grande, do qual se faz depois o *retame*, e ainda outro modo de açúcares, a que chamam batidos. E como as formas estão despedidas de todo o mel, lhe lançam em cima barro desfeito em água, o qual é bastante para dar ao açúcar a brancura que nele vemos.

ALVIANO

E como é possível que o barro, que por razão o devia sujar e fazer preto, o embranqueça, é para mim um segredo dificultoso de entender.

BRANDÔNIO

Nem o entenderam muitos anos os primeiros que lavraram açúcares, porque do modo que primeiramente o faziam desse o gastavam, até que uma galinha achou este segredo, a qual acaso voando com os pés cheios de barro úmido, se pôs sobre uma forma cheia de açúcar, e naquela parte aonde ficou estampada a pegada se fez todo o circuito branco, donde se veio a entender

o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso.

ALVIANO

Não foi má mestra a galinha, para mostrar por esse modo a cura da negridão do açúcar, pois há tanta diferença na valia do alvo ao negro; e assim, se o engenho fizer muita quantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor dele.

BRANDÔNIO

Nos engenhos de fazer açúcares há muito grande diferença dos bons aos maus, porque aqueles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons; as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte para a moenda e lenhas em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade. E quando os tais engenhos são desta qualidade, não lhes faltando, como tenho dito, a fábrica necessária, costumam a fazer em cada um ano a seis, sete, oito e ainda dez mil arrobas de açúcar *macho*, afora os meles que são *retames* e *batidos*, que sempre chegam ao redor de três mil arrobas; quando se sabe aproveitar este açúcar, costuma a ser um muito bom e outro somenos, e algum sumamente mau, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins. E os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro e ainda três mil arrobas de açúcar, e os tais são de pouco proveito para seu dono.

ALVIANO

E que fábrica é necessário que tenha um desses engenhos que costuma fazer muito açúcar?

BRANDÔNIO

É necessário que tenha 50 peças de escravos de serviço,

bons; 15 ou 20 juntas de bois, com seus carros necessários, aparelhados; cobres bastantes e bem concertados; oficiais bons, muita lenha, formaria e decoada, porque qualquer coisa que falte destas, logo imediatamente se diminui com ela o rendimento do açúcar.

ALVIANO

Pois disse-me se todo esse açúcar depois de feito é para o senhor do engenho.

BRANDÔNIO

Quando as canas de que se lavra é toda do senhor do engenho, também todo o açúcar é para ele. Mas há poucos que podem fazer isso, pela grande fábrica e cabedal que é necessário para se poderem granjejar canaviais e engenhos; e assim os mais dos senhores deles costumam a dar os canaviais de partido, os quais se fazem desta maneira: põe e dá o senhor do engenho a terra e além disso ainda algum adjutório, e o lavrador põe de sua casa a planta da cana e depois a granjea, corta e leva ao engenho, conforme a obrigação do partido, e como a cana está moída e o açúcar posto em perfeição, se paga primeiramente do monte-mor o dízimo dele e, depois de pago, se faz a partilha de terço e de quinto e ainda de meias. A de terço se entende as duas partes do açúcar para o engenho e a uma para o lavrador, e a de quinto as três partes para o engenho e as duas para o lavrador e a de meias tanto a uma parte como a outra; mas o partido de meias se faz raramente, por ser de pouco proveito para o engenho, salvo se é a pessoa de obrigação ou a lavrador que tenha as canas em terras suas próprias. Mas sempre, de qualquer maneira que seja, a partilha dos meles, que são *retames* e *batidos*, são todos, livremente, *in solido*, do senhor do engenho, sem ter obrigação de fazer outra partilha mais que de pagar o dízimo deles a Deus.

ALVIANO

E com essa partilha feita por esse modo, quanto açúcar virá à parte do senhor do engenho?

## BRANDÔNIO

Sempre lhe virão ao redor de quatro ou de quatro mil e quinhentas arrobas de açúcar *macho*, afora os meles e batidos, os quais virão a importar\* duas mil e quinhentas para três mil arrobas.

## ALVIANO

E para se haver de fazer esse açúcar, de que cabe a quantidade que tendes dito ao senhor do engenho, quanto vem a gastar ele em cada um ano na fábrica e despesa dele?

## BRANDÔNIO

Um engenho destes, quero dizer dos bons, sempre faz de gasto de três mil e quinhentos para quatro mil cruzados, e se lhe morrem escravos, de modo que seja necessário comprarem outros, ainda custeia mais.

## ALVIANO

Muito gasto é esse, e por essa maneira não deve de vir a importar ao senhor do engenho o rendimento dele tanta quantia quanta me diziam que importava.

## BRANDÔNIO

Sim, importa, porque muitas vezes lhe deixa na terra, livres, ao redor de cinco e de seis mil cruzados, e se o senhor de engenho navegar os seus açúcares para o Reino lhe virá a importar muito mais, porque além do maior preço porque lá se vendem, vem a forrar os direitos de sua liberdade, a qual, se é de engenho feito de novo, tem dez anos para neles não pagar direito algum nas alfândegas, e quando se lhe acaba este tempo, contudo

\* No apógrafo de Leiden (fls. 69v) riscaram "virão a importar" e escreveram na entrelinha "poderão ser".

ficam gozando ainda para sempre de meia liberdade, que é não pagarem senão meio direito dos que se devem nas alfândegas, como se fosse açúcar carregado por lavrador, porque os tais têm o mesmo privilégio.

E destes engenhos uns são mais libertos e outros menos, porque os que estão situados nas Capitâneas de senhorios lhes pagam pensão das águas a três e a quatro por cento de todo o açúcar que fazem, que vem a importar muito; e os que estão situados nas Capitâneas realengas, de Sua Majestade, são livres de pagarem a tal pensão, que não é pequeno privilégio.

## ALVIANO

Contudo devem de ter diferente rendimento os engenhos situados em Potosi, que moem a terra de que se tira a prata, do que estes, que tanto ides gabando, de fazer açúcares; ao menos eu antes o tomara para mim.

## BRANDÔNIO

Enganai-vos nisto, porque eu já vi fazer essa computação por homens que sabiam bem de uma cousa e outra e acharam ser com muito excesso maior o rendimento dos engenhos de fazer açúcares. E é bastante prova desta verdade o vermos muitos senhores deles riquíssimos e os que têm engenhos para a prata os mais deles pobríssimos e endividados.

## ALVIANO

Não deve de ser isso falta dos tais engenhos, senão o grande e excessivo gasto que esses homens costumam de fazer com sua pessoa e casa, que me têm afirmado ser grandíssimo.

## BRANDÔNIO

Não lhe ficam neste particular devendo nada os senhores de engenhos de fazer açúcares no Brasil, porque o gasto de muitos deles é também grandíssimo, com os muitos cavalos

o segredo e virtude que tinha o barro para embranquecer, e se pôs em uso.

ALVIANO

Não foi má mestra a galinha, para mostrar por esse modo a cura da negridão do açúcar, pois há tanta diferença na valia do alvo ao negro; e assim, se o engenho fizer muita quantidade do bom, não deixará de dar proveito ao senhor dele.

BRANDÔNIO

Nos engenhos de fazer açúcares há muito grande diferença dos bons aos maus, porque aqueles que gozam de três cousas, quando seus senhores têm fábrica bastante, são sumamente bons; as quais três cousas consistem em ter muitas terras e boas para a planta dos canaviais, água bastante que não falte para a moenda e lenhas em grandes matas também em quantidade, de modo que nem a cana nem a lenha fique distante do engenho, antes tão acomodada que se acarrete uma cousa e outra com facilidade. E quando os tais engenhos são desta qualidade, não lhes faltando, como tenho dito, a fábrica necessária, costumam a fazer em cada um ano a seis, sete, oito e ainda dez mil arrobas de açúcar *macho*, afora os meles que são *retames* e *batidos*, que sempre chegam ao redor de três mil arrobas; quando se sabe aproveitar este açúcar, costuma a ser um muito bom e outro somenos, e algum sumamente mau, segundo os mestres que o fazem são bons ou ruins. E os outros engenhos de menos porte costumam a fazer a cinco e a quatro e ainda três mil arrobas de açúcar, e os tais são de pouco proveito para seu dono.

ALVIANO

E que fábrica é necessário que tenha um desses engenhos que costuma fazer muito açúcar?

BRANDÔNIO

É necessário que tenha 50 peças de escravos de serviço,

bons; 15 ou 20 juntas de bois, com seus carros necessários, aparelhados; cobres bastantes e bem concertados; oficiais bons, muita lenha, formaria e decoada, porque qualquer coisa que falte destas, logo imediatamente se diminui com ela o rendimento do açúcar.

ALVIANO

Pois disse-me se todo esse açúcar depois de feito é para o senhor do engenho.

BRANDÔNIO

Quando as canas de que se lavra é toda do senhor do engenho, também todo o açúcar é para ele. Mas há poucos que podem fazer isso, pela grande fábrica e cabedal que é necessário para se poderem granjear canaviais e engenhos; e assim os mais dos senhores deles costumam a dar os canaviais de partido, os quais se fazem desta maneira: põe e dá o senhor do engenho a terra e além disso ainda algum adjutório, e o lavrador põe de sua casa a planta da cana e depois a granjea, corta e leva ao engenho, conforme a obrigação do partido, e como a cana está moída e o açúcar posto em perfeição, se paga primeiramente do monte-mor o dízimo dele e, depois de pago, se faz a partilha de terço e de quinto e ainda de meias. A de terço se entende as duas partes do açúcar para o engenho e a uma para o lavrador, e a de quinto as três partes para o engenho e as duas para o lavrador e a de meias tanto a uma parte como a outra; mas o partido de meias se faz raramente, por ser de pouco proveito para o engenho, salvo se é a pessoa de obrigação ou a lavrador que tenha as canas em terras suas próprias. Mas sempre, de qualquer maneira que seja, a partilha dos meles, que são *retames* e *batidos*, são todos, livremente, *in solido*, do senhor do engenho, sem ter obrigação de fazer outra partilha mais que de pagar o dízimo deles a Deus.

ALVIANO

E com essa partilha feita por esse modo, quanto açúcar virá à parte do senhor do engenho?

## BRANDÔNIO

Sempre lhe virão ao redor de quatro ou de quatro mil e quinhentas arrobas de açúcar *macho*, afora os meles e batidos, os quais virão a importar\* duas mil e quinhentas para três mil arrobas.

## ALVIANO

E para se haver de fazer esse açúcar, de que cabe a quantidade que tendes dito ao senhor do engenho, quanto vem a gastar ele em cada um ano na fábrica e despesa dele?

## BRANDÔNIO

Um engenho destes, quero dizer dos bons, sempre faz de gasto de três mil e quinhentos para quatro mil cruzados, e se lhe morrem escravos, de modo que seja necessário comprarem outros, ainda custeia mais.

## ALVIANO

Muito gasto é esse, e por essa maneira não deve de vir a importar ao senhor do engenho o rendimento dele tanta quantia quanta me diziam que importava.

## BRANDÔNIO

Sim, importa, porque muitas vezes lhe deixa na terra, livres, ao redor de cinco e de seis mil cruzados, e se o senhor de engenho navegar os seus açúcares para o Reino lhe virá a importar muito mais, porque além do maior preço porque lá se vendem, vem a forrar os direitos de sua liberdade, a qual, se é de engenho feito de novo, tem dez anos para neles não pagar direito algum nas alfândegas, e quando se lhe acaba este tempo, contudo

\* No apógrafo de Leiden (fls. 69v) riscaram "virão a importar" e escreveram na entrelinha "poderão ser".

ficam gozando ainda para sempre de meia liberdade, que é não pagarem senão meio direito dos que se devem nas alfândegas, como se fosse açúcar carregado por lavrador, porque os tais têm o mesmo privilégio.

E destes engenhos uns são mais libertos e outros menos, porque os que estão situados nas Capitâneas de senhorios lhes pagam pensão das águas a três e a quatro por cento de todo o açúcar que fazem; que vem a importar muito; e os que estão situados nas Capitâneas realengas, de Sua Majestade, são livres de pagarem a tal pensão, que não é pequeno privilégio.

## ALVIANO

Contudo devem de ter diferente rendimento os engenhos situados em Potosí, que moem a terra de que se tira a prata, do que estes, que tanto ides gabando, de fazer açúcares; ao menos eu antes o tomara para mim.

## BRANDÔNIO

Enganai-vos nisto, porque eu já vi fazer essa computação por homens que sabiam bem de uma cousa e outra e acharam ser com muito excesso maior o rendimento dos engenhos de fazer açúcares. E é bastante prova desta verdade o vermos muitos senhores deles riquíssimos e os que têm engenhos para a prata os mais deles pobríssimos e endividados.

## ALVIANO

Não deve de ser isso falta dos tais engenhos, senão o grande e excessivo gasto que esses homens costumam de fazer com sua pessoa e casa, que me têm afirmado ser grandíssimo.

## BRANDÔNIO

Não lhe ficam neste particular devendo nada os senhores de engenhos de fazer açúcares no Brasil, porque o gasto de muitos deles é também grandíssimo, com os muitos cavalos